

O Cartaz

“... por causa da multidão das tuas feitiçarias; por causa da abundância dos teus encantamentos...”

(Isaías – XLVII)

1

Na manhã repleta de luz um novo cartaz-propaganda invade a paisagem urbana. Deitada em lânguida postura, sob um fundo avermelhado, lá está a bela modelo de alvo sorriso, negros cabelos e impecável plástica. A quase totalidade do seu ampliado corpo-imagem (apenas coberto por tênues véus) permanece exposta em reveladora e frontal transnudez. Impossível não se notar. Pois ei-la inteiramente à mostra, espalhada e multiplicada por todos os bairros, através de pequenos painéis ou imponentes *outdoors*.

2

Primeiro foi uma olhada distraída, indo de ônibus, na manhã. Depois, no mesmo dia, a mesma visão, várias vezes, ao dobrar de esquinas e ruas, novamente surgindo ela-ele, o imutável sorriso. Uma virada à direita e lá está ela: opulentos seios despontando à luz matinal!... E à esquerda, num breve passar (“... *ela nos olhava hipnoticamente, os olhos esverdeados, fixadores, renitentes, um verde profundo de fundo mar, nos seguindo em qualquer direção...*”) E, em nova parada: Ela: alada-imobilizada na glamourosa pose,

PROVE

os gigantescos lábios (rubros), o ar ousado, tentador (“... *como se estivesse nos chamando para a total intimidade...*”),

CONHEÇA

a simetria das pernas-coxas, trançadas em alongada provocância, a transparente-e-opalescente-forma-fôrma-pubitriangular, renunciando as secretas partes e a pouco percebida marca de nascimento (“... *então ela EXISTE!*”),

NÃO ESQUEÇA

harmonizando-se com as perfeitas proporções de todas as linhas e curvas da magnetizante figura,

APROVE

A majestade e mensagem que se reproduz em painéis e paredes, ruelas e avenidas, em qualquer lugar ou canto,

A DOÇURA

para todos os gostos e idades.

3

Certo dia, porém, um cartaz surge rompido nos exatos pontos onde seriam os seios e o sexo da modelo. E assim como numa epidemia, que ao se descobrir já se encontra em adiantado alastramento, este era o primeiro de muitos outros que iriam se descortinar em idêntico estado. Pois, em seguida, numa sucessão relampejante, muitas elas-Ela iam surgindo, ao passar repentino do ônibus, todas ostentando as mesmas mutilações. E, nos dias seguintes, as violações prosseguiram (*desnuda-se em arrepiante rasgadura o papel, a impressex-imagem, luxuriosas mãos em busca do inalcançável prazer, na recôndita hora noturna - “... e, de perto, parece até exalar um feminino aroma...”*).

Já se percebia, então, as marcas, os sinais, em cantos e recantos de toda a cidade. Uma semana depois perdia-se a conta de quantos explodiam à vista, com as já de sempre características – “... olhe lá, mais um rasgado!...” – borbulhavam no ar os comentários, entre os passantes, pois não havia, agora, quem não a notasse (*mergulhada na fixidez da imagem, mantém-se Ela indiferente a tudo, as rasuras acentuando ainda mais os seus encantos-mistérios*).

Foi quando B. J. Oliveira & Cia., anunciadores do produto, pediram a proteção policial. Assim, nas noites e madrugadas, os mais proeminentes *outdoors* passaram a ser resguardados pela escolta fardada. Mas nem essa providência evitou que a jovem continuasse a ser vítima das violentações. Desesperaram-se, ou alegraram-se, os promotores da campanha publicitária? Pois as vendas abalavam todas as Ltdas. Estruturas, provocando a atenção de interessadas *Wall Streets*.

Até que o monumental painel, que emoldurava a abastada avenida beira-marinha-zona-azul, revelou-se também com os habituais espaços rasgados. Foi aí que os acontecimentos começaram a se desencadear, como a bolinha de neve, que, rolando morro abaixo, acaba se transformando na avassaladora avalanche.

4

O dia ainda recém começava quando Alfredo da Silva, funcionário público, 43 anos, após decidir que não compareceria ao trabalho, postou-se no calçadão e ali ficou observando atentamente a movimentação das moças que chegavam à praia, como se quisesse desvendar algum segredo especial, naqueles corpos quase totalmente sem segredos. Seus olhos e seus gestos deveriam conter algo de estranho, pois pouco tempo depois um operário de uma construção aproximou-se e perguntou o que ele estava tentando descobrir.

- Passando ontem por aqui vi, na praia, uma jovem que parecia ser a moça do cartaz – foi a sua resposta.

A notícia espalhou-se como vento. Logo outras figuras foram se agregando ao local. Motivados pelas mesmas intenções, passaram a se identificar e a se reconhecer. Após algumas horas o número deles começou a aumentar. Eram os trabalhadores dos prédios em construção, dos bueiros e das ruas, que, quebrando o antigo distanciamento, atravessavam a avenida e iam se juntar ao amontoamento. E lá permaneciam, olhos fixos nas moças que se douravam ao sol, como se aqueles corpos gotejantes e desnudos já não fizessem parte da matinal moldura. Pouco adiantaram as reclamações dos patrões e capatazes. Nada estava sendo capaz de demovê-los da intenção de reconhecer, entre tantas mulheres em exibição, aquela que seria a personificação da presença que dominava as retinas da cidade. (*Lá, disputando o espaço com a paisagem luxuriante, ELA, com o mesmo-de-sempre sorriso*).

Quase foi registrado o primeiro tumulto, quando bronzeados e atléticos rapazes de praia decidiram intervir, como heróicos galãs medievais, em favor das jovens. Muitas delas argumentavam que suas intimidades estavam sendo quebradas, em vista daqueles “horrorosos homens”. Mas os observadores não procuravam violência e quando suas motivações foram compreendidas pelos possíveis contendores, muitos deles também se associaram ao bando.

Mas, de repente, chegou a F.P. e dispersou-os. Tal medida, entretanto, não alcançou o efeito desejado, pois, logo em seguida, eles já estavam se reunindo de novo, como indesejáveis ervas daninhas brotando em produtiva plantação.

Ao correr das horas a área cada vez se enchia mais de gente. Eram garçons, jornaleiros, empregados de bares e cafés, vendedores ambulantes, motoristas, sorveteiros, mendigos, desocupados, desempregados, marginalizados, famintos, párias e oprimidos em geral, que se juntavam ao agrupamento de corpos suados e olhos ávidos. Do alto dos edifícios eles podiam ser vistos como uma ala-barreira entre a praia e a rua, formando um ondulante conglomerado de homens de variegadas raças e condições. Ao longe o mar e sua imperturbável vastidão verde-azul.

À tarde a praia esvaziou-se e a F.P. usou novamente dos seus argumentos, a fim de que todos retornassem às suas atividades. Mas os expectativos-expectadores afastavam-se apenas o suficiente para poder retornar.

Então toda a orla semicircular foi tomada pelos invasores, sob os múltiplos olhares da moça-propaganda, colocada em diversos pontos estratégicos. Enquanto isso mais esforços chegavam à F.P., que ostentava, agora, os seus mais aprimorados armamentos. Os invasores, entretanto, não se abalavam e permaneciam nos seus pontos, impassíveis e pacíficos.

O Comandante da F.P. resolveu, em vista das circunstâncias, parlamentar com os líderes do movimento. Mas ninguém soube dizer quem era o líder. Ou se existiam líderes. Apenas uma resposta esboçou-se no ar:

- Queremos saber se a doçura é de carne e osso.

Para constar efetuaram-se algumas prisões. Mas a magnetizada massa não se afastava dos seus propósitos. Daí percebeu-se que o contingente policial, apesar de acrescido de novos homens, parecia diminuir de número. E respeitáveis senhores classe-média podiam também ser vistos no amontoamento.

Então chegam mais reforços bélicos, cercando todas as redondezas. Um congestionamento ciclópico serpenteia por toda a orla marítima. Helicópteros sobrevoam o bairro e adjacências, parecendo furiosas moscas varejeiras. Todas as corporações estão em estado de prontidão. Todos os dispositivos especiais e ultra-especiais estão acionados. As estações de rádio e TV estão divulgando o fato em edições extra dos seus noticiosos. Alvorçados repórteres realizam coberturas “in loco”, transmitindo entrevistas ao vivo, apesar da loquacidade não ser o ponto alto dos depoimentos colhidos. Jornais e revistas estão cobrindo o acontecimento e editoriais são escritos às pressas. As autoridades constituídas e os legisladores estudam o caso em caráter de urgência-urgentíssima. Todos esperam que tudo possa resolver-se a contento.

5

No momento em que o sol passa a lançar as suas últimas multicolorações no horizonte, a multidão começa a se dispersar,

desanimada, como um decisivo jogo de futebol que termina zero a zero. É também quando uma jovem de cabelos soltos e óculos escuros, desprovida de qualquer glamour, trajando apenas uma blusa leve e uma estandardizada e desbotada calça *jeans*, deixa um edifício das imediações e está agora tentando abrir caminho naquele congestionamento humano, a expressão confusa e perquiridora.

Então, alguém é despertado para a sua aparição e serena beleza, e chama a atenção de alguns outros. E ela é cercada e analisada da cabeça aos pés por dezenas de olhos ansiosos, como um objeto num leilão – “... não pode ser ela, tão igual a tantas outras...” –, e a jovem (esboçando uma reação) tira os óculos e - “ é ELA!, olhem bem para os seus olhos, para os seus verdes olhos!” – é descoberta e consumida pela massa enfeitiçada.

E desencadeia-se o caos, na cidade em polvorosa. (1968)

*

(Conto publicado originalmente no Livro “O Jogo Infinito”, Editora da UFSC, 1984.)